

Por dentro de Xapuri: trajeto de trilha histórico cultural como subsídio à educação patrimonial e fomento ao turismo

Inside Xapuri: path of cultural history trail as a subsidy to heritage education and tourism promotion

Silvano Aparecido Redon¹
Emi Rainildes Lorenzetti²
Jaycelene Maria da Silva Brasil³
Jean Carlos Gentilini⁴

RESUMO

Oriundo de ação extensionista universitária, o artigo apresenta elementos e características de Xapuri, município do Acre e terra natal do líder seringueiro Francisco Alves Mendes Filho, o Chico Mendes, a partir da trilha histórico-cultural realizada durante a Operação Vale do Acre, do Projeto Rondon, coordenada pelo Ministério da Defesa. O município compreende uma série de particularidades históricas, culturais, identitárias e sociais, as quais, num primeiro momento, podem passar despercebidas por seus visitantes ou mesmo por seus nativos. Considerando as potencialidades de Xapuri com relação ao turismo, a trilha pode ser uma proposta de atrativo para o referido setor e ferramenta para a educação patrimonial, pois é um trajeto que, ao ser percorrido caminhando, permite aos participantes identificar e interpretar as paisagens e os elementos materiais e imateriais do percurso visitado, o que contribui para sua visibilidade, preservação e memória.

Palavras-chave: Afeto. Memória. Patrimônio.

ABSTRACT

Resulting from a university extension action, the article presents elements and characteristics of Xapuri, State of Acre, Brazil, birthplace of the rubber tapper leader, Francisco Alves Mendes Filho, best known as Chico Mendes, from a historical and cultural trail conducted during the Vale do Acre Operation, part of the Rondon Project, coordinated by the Ministry of Defense. The town comprises a series of historic-cultural, identity and social particularities, which, at first, may go unnoticed by its visitors or even by natives. Considering the potential of Xapuri regarding tourism, the trail can be an attractive proposal for the sector and a tool for heritage education, as it is a hiking path that allows participants to identify and interpret the landscapes and the material and immaterial elements of the visited route, which contribute to its visibility, preservation and memory.

Keywords: Affection. Memory. Patrimony.

¹ Doutorando em Educação na Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná, Brasil; professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná, Campus Palmas, Brasil (silvano.redon@ifpr.edu.br).

² Doutora em Agronomia pela Universidade Federal de Lavras, Minas Gerais, Brasil; professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná, Campus Campo Largo, Brasil (emi.lorenzetti@ifpr.edu.br).

³ Especialista em Gestão Estratégica de Políticas Públicas pela Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, Brasil; docente na Secretaria de Estado de Educação, Cultura e Esporte do Acre, Brasil (jaycelenebrasil@gmail.com).

⁴ Mestre em Engenharia Elétrica pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil; professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná, Campus Palmas, Brasil (jean.gentilini@ifpr.edu.br).

INTRODUÇÃO

Para oferecer oportunidades diferenciadas de formação e atuação aos acadêmicos dos cursos de graduação do Campus Palmas do Instituto Federal do Paraná (IFPR), alguns professores se reuniram e enviaram propostas aos editais do Ministério da Defesa (MD) para o Projeto Rondon. Instituído em 1968 com foco em ações assistencialistas, extinto em 1989 e relançado em 2004, a partir da mobilização da União Nacional dos Estudantes (UNE), o referido Projeto é considerado atualmente um dos maiores exemplos em extensão universitária do país e tem o intuito de cooperar com o desenvolvimento sustentável das comunidades que recebem suas ações e com o desenvolvimento e o fortalecimento da cidadania junto aos acadêmicos. Nesse sentido, a primeira participação se deu pela seleção de proposta de trabalho enviada para a Operação Itapemirim, realizada no estado do Espírito Santo, em julho de 2016. Desde então, o Campus Palmas do IFPR participou de seis Operações do Projeto Rondon, entre elas, a Operação Vale do Acre – cujo recorte é tratado neste artigo – ocorrida entre os dias 5 e 21 de julho de 2019 em 12 municípios do Acre (Acrelândia, Assis Brasil, Brasiléia, Bujari, Capixaba, Epitaciolândia, Feijó, Plácido de Castro, Porto Acre, Senador Guiomard, Tarauacá e Xapuri, cidade de atuação dos acadêmicos do IFPR) com a participação de 24 Instituições de Ensino Superior (IES) e 239 rondonistas.

Conforme plano de trabalho do MD, cada município recebeu duas equipes de distintas IES, as quais atuaram nas oito áreas da extensão universitária: Cultura, Educação, Saúde e Direitos Humanos e Justiça (áreas do eixo A de atuação); e Meio Ambiente, Comunicação, Tecnologia e Produção, e Trabalho (áreas do eixo B de atuação), respectivamente. Xapuri recebeu as equipes da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA) e do IFPR que desenvolveram atividades a partir do eixo B.

Uma das atividades propostas foi a oficina *Flanear* por Xapuri, cidade cujo perfil será apresentado mais à frente, em que os participantes eram convidados a se deslocar por áreas da cidade, observar e registrar os cenários presentes na sua rotina diária (praças, edificações, monumentos, ruas e pontos de lazer e comércio, entre outros), que lhes causassem algum afeto, no sentido trazido por Tuan (1980), para quem os homens constroem percepções, interações e relações subjetivas com os ambientes nos quais se relacionam. O autor enfatiza as interações simbólicas que os seres humanos estabelecem com os espaços físicos por meio dos afetos e dos sentimentos de pertença, identidade e memória, em que o estabelecimento de laços afetivos possibilita que o ambiente se torne lugar. Embora o termo topofilia tenha sido criado tendo como referência as relações estabelecidas entre as pessoas e o ambiente natural,

pode ser considerado para expressar a relação com qualquer ambiente que as cerca, pois “elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico” (TUAN, 1980, p. 5).

A partir da proposta da oficina *Flanear* por Xapuri, reservamos uma manhã para melhor conhecermos e fotografarmos aspectos da cidade que igualmente nos chamavam atenção e nos causavam afeto, e cujo material seria, posteriormente, utilizado num registro da experiência extensionista. A atividade foi acompanhada por alguns moradores, e, sem que fosse nossa intenção, construímos com eles o trajeto de uma trilha histórico-cultural, objeto deste artigo.

Foi dessa maneira, a partir das observações realizadas em nossa rotina de trabalho, desenvolvida durante as duas semanas em que ocorreu a Operação Vale do Acre, que pudemos conhecer Xapuri, cidade distante 175 quilômetros de Rio Branco, capital do estado do Acre. No âmbito do artigo, trazemos o que foi observado durante nosso trabalho e, mais especificamente, durante a oficina do *Flanear*, pois todas as características, espaços, cenários, edificações e demais paisagens podem ser incorporados à trilha, cujo trajeto, aperfeiçoado, pode se tornar um atrativo regional. O propósito é mostrar que Xapuri possui aspectos que merecem receber visibilidade e ser valorizados e preservados, e que as trilhas, realizadas por meio de vários traçados, podem ser importantes ferramentas para o turismo regional e para a educação patrimonial.

As trilhas urbanas possibilitam a integração social entre pessoas e lugares, ampliam as percepções e nos aproximam dos espaços da cidade. Quando percorridos, os trajetos convidam os participantes à sua aproximação, identificação e interpretação através de seus pontos de parada e de permanência. De acordo com Sandre, Madureira e Kusunoki (2015, p. 68),

O termo trilha carrega uma simbologia histórica de caminho e conexão, um percurso a ser feito com um objetivo de ponto de chegada específico, podendo, portanto, ser aplicado à ligação entre os espaços urbanos. No entanto, é possível também interpretar a trilha como uma alegoria do processo de descobrimento do viajante, em uma autorreflexão com relação ao espaço físico que percorre. Esse caminho pode ser considerado como um momento de aprendizagem, que pode ser tanto autorreflexivo, quanto promovido por uma educação (formal ou não), em uma busca de valer-se dos atributos da paisagem urbana enquanto instrumentos de aprendizagem.

A proposta de uma trilha urbana é a de integrar e agregar, num contexto em que as ruas da cidade não são percebidas apenas como percursos de circulação, mas de reconhecimento, de lazer e de produto para o turismo, percorridas a pé ou por meio de

bicicleta, em que o patrimônio é incorporado aos trajetos previamente delimitados, valorizados, interpretados e ressignificados. É dessa forma que a trilha pode ser considerada ferramenta para a educação patrimonial, importante processo de reconhecimento e salvaguarda do patrimônio artístico, histórico, cultural e ambiental dos grupos sociais. Horta, Grunberg e Monteiro (1999, p. 4) esclarecem que

A Educação Patrimonial pode ser assim um instrumento de “alfabetização cultural” que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Esse processo leva ao desenvolvimento da auto-estima dos indivíduos e comunidades, e à valorização de sua cultura, como propõe Paulo Freire em sua ideia de “empowerment”, de reforço e capacitação para o exercício da autoafirmação.

Por meio dos aspectos formais ou informais, a educação patrimonial, nesse sentido, pode ser pensada como ação que oportuniza as pessoas se aproximarem e se apropriarem do patrimônio que caracteriza o seu entorno, em que os atores sociais se sensibilizam e se reconhecem no patrimônio da cidade para valorizarem e usufruírem dos bens que o constituem. As práticas educativas precisam ter um sentido para as pessoas e estar integradas às suas experiências cotidianas, as quais se relacionam aos sentimentos de pertença, identidade, memória e apropriação dos espaços, razão pela qual o conceito de patrimônio que subsidiou a oficina foi aquele centrado numa perspectiva transformadora, em que o patrimônio é constituído por saberes e conhecimentos vivenciados a partir das histórias e do contexto imediato em que as pessoas estão inseridas. Por meio desse aspecto, podem emergir diferentes narrativas sobre o patrimônio, as quais vão além das perspectivas homogêneas e integradoras pautadas numa cultura ou patrimônio oficiais, pois é considerado patrimônio tudo o que integra e perpassa o cotidiano e o imaginário social (ZANON; MAGALHÃES; BRANCO, 2009).

METODOLOGIA

Como uma das atividades propostas pelo IFPR para a Operação Vale do Acre, a oficina *Flanear* por Xapuri consistia numa atividade que poderia ser realizada em diversos momentos da Operação para a identificação de locais que pudessem remeter aos participantes um sentimento de identidade e de pertencimento. Esperava-se que eles identificassem paisagens que lhes causassem afeto como praças, edifícios, monumentos, jardins e parques,

entre outros. A atividade foi inspirada no vocábulo francês *flaner*, termo que pode ser traduzido para *flanar*. O *flaner* é aquele que caminha sem pressa ou preocupação, e no caminhar vagaroso pode contemplar e conhecer as paisagens, as fachadas dos prédios, os espaços e os elementos constituintes do trajeto. Tornando objeto de estudos acadêmicos de Walter Benjamin, inspirado nas obras de Charles Baudelaire e de Marcel Proust, o *flaner* representa o espírito de mobilidade introduzido com a modernidade, cuja circulação, uma de suas principais características, possibilita seu surgimento e seu contraponto. O *flaner* perambula sem destino, observa e lê a cidade de modo distraído, ao tempo em que captura sua paisagem por meio de uma arte espontânea (ORTIZ, 2000).

As observações e a identificação dos aspectos da cidade pelos rondonistas, aqui tratadas, aconteceram em diversas situações durante as duas semanas que passamos em Xapuri e, em especial, quando realizamos a atividade do *flanar*, como participantes, para compormos um material que seria utilizado na produção de um registro sobre as atividades⁵ extensionistas em Xapuri. A proposta era suscitar o conhecimento dos espaços da cidade para além das impressões formais, como as que são apresentadas em livros e em *sites* de informação. Por isso, nosso *flanar* buscou interagir com os moradores que transitavam pelas ruas, que frequentavam o comércio ou descansavam em praças da cidade ou na frente das suas casas. Não foram estabelecidos roteiros para a atividade, apenas um ponto de partida, e sem possuímos um mapa da cidade, nos deixamos ser orientados pelos moradores. Ao final, percebemos que, embora não tenha sido a motivação primeira, havíamos construído e percorrido uma trilha histórico-cultural orientada pelos nativos, de tal forma que boa parte das informações contidas no texto foi obtida nas interações que realizamos durante nosso *flanar* por Xapuri e nas duas semanas em que permanecemos na cidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Xapuri, cidade de Chico Mendes

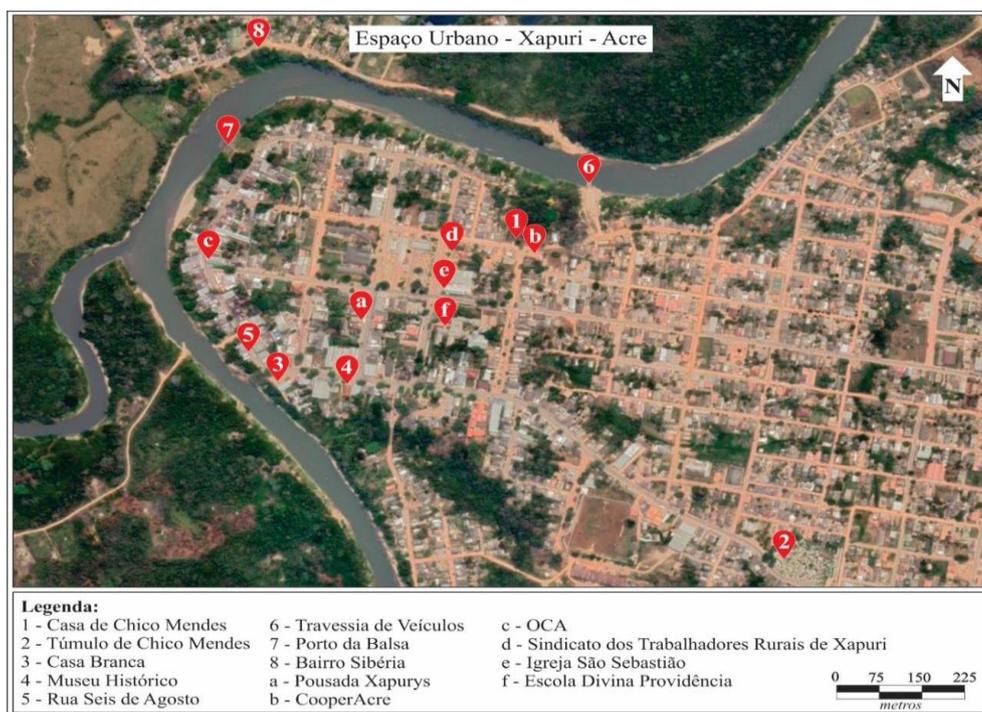
Xapuri, município de atuação dos rondonistas do IFPR, localizado no Vale do Acre e parte da microrregião de Brasília, tem mais de 5000 km² de área territorial e é o 9º município mais populoso do estado, com quase 20 mil habitantes (IBGE, 2020). O município homenageia os índios da etnia Xapury, outrora o grupo indígena mais numeroso da região – o

⁵ Atividade que realizamos orientados, gentilmente, pela professora e socióloga acreana Jaycelene Brasil, uma das autoras deste texto.

estado do Acre reconhece 16 povos indígenas, com registros de 3 grupos isolados. Em sua trajetória histórica, Xapuri é considerada berço da Revolução Acreana, conflito ocorrido nos anos de 1902 e 1903 entre Brasil, Bolívia e Peru pela disputa do território que, atualmente, é o estado do Acre. O município também é terra natal do sindicalista e líder seringueiro Chico Mendes, assassinado em 1988 e conhecido pela luta e resistência ambiental da floresta e dos seus povos. A defesa da Amazônia teve repercussão internacional, e Chico recebeu, em 1987, o prêmio Global 500, de Preservação Ambiental, da Organização das Nações Unidas. As reservas extrativistas que compõem áreas do Acre e de outros estados são um dos grandes legados de Chico Mendes. Trata-se de áreas da União, mas de usufruto das comunidades rurais, as quais vivem da terra de maneira sustentável, em que a floresta coexiste e de forma alguma é empecilho para a subsistência dos trabalhadores. A atuação de Chico Mendes e seus companheiros de luta política fez Xapuri ser considerada símbolo da luta ambiental e da resistência dos povos da floresta para manter suas condições de vida.

Conforme representada no mapa abaixo, e mais bem discutida nos próximos tópicos, a trilha histórico-cultural contempla pontos identitários, afetivos e de memória para a cidade e seus moradores como a escola (educação), a igreja (religião), o sindicato (lutas sociais), a cooperativa (trabalho), a Casa Branca e o museu (história), a Rua Seis de agosto (comércio), a casa de Chico Mendes (memória) e o acesso às balsas (integração), entre outros:

Imagem 1 – Percurso da trilha histórico cultural de Xapuri-AC



Fonte: Os autores a partir da base cartográfica do *Google Earth* (2021).

Na área urbana, as ruas de Xapuri são largas, algumas delas com canteiros, e entre as praças da região central destaca-se a praça da Igreja de São Sebastião, ponto de partida para a trilha. No seu entorno, há o Painel dos Mártires, um anfiteatro com azulejos e motivos que remetem ao cristianismo; a Escola Estadual Divina Providência, cujo prédio é datado de 1928; um conjunto de estabelecimentos comerciais de bares e lanchonetes com mesas dispostas nas calçadas; a rodoviária e o Sindicato dos Trabalhadores e das Trabalhadoras de Xapuri, fundado em 1977 por Chico Mendes e outros líderes seringueiros com a proposta de organizar e mobilizar os extrativistas amazônicos contra as investidas dos latifundiários, ao passo que buscava difundir que era possível viver da floresta e retirar o sustento de maneira não exploratória. O Sindicato ocupa uma grande construção de alvenaria, com um jardim à sua frente, e em uma das suas laterais, abrigada por uma varanda, uma série de banners traz fotos e uma breve biografia dos “mártires e das vozes da luta”, pessoas que se organizaram em defesa dos povos da floresta.

Imagem 2 – Sindicato dos trabalhadores e trabalhadoras de Xapuri



Fonte: Acervo do Núcleo Extensionista Rondon IFPR (2020).

No auditório, amplo espaço em que os trabalhadores e trabalhadoras se reúnem para discutir encaminhamentos, desafios e conquistas, há várias frases de autoria de Chico Mendes. Entre elas, o “bilhete ao jovem do futuro”, que resume seus ideais e os anseios dos demais seringueiros que o acompanhavam:

Atenção, jovem do futuro, 6 de setembro do ano de 2120, aniversário do 1º centenário da revolução socialista mundial que unificou todos os povos do planeta num só ideal e num só pensamento de unidade socialista e que pôs

fim a todos os inimigos da nova sociedade. Aqui fica somente a lembrança de um triste passado de dor, sofrimento e morte. Desculpem, eu estava sonhando quando escrevi estes acontecimentos que eu mesmo não verei, mas tive o prazer de ter sonhado.

O “bilhete ao jovem do futuro”, em escrita original, é exibido numa moldura de vidro. Ele não viu a sociedade desejada, mas deixou um legado que pode ser percebido em todo o município. Sempre iniciávamos as oficinas, nome dado aos trabalhos desenvolvidos pelos rondonistas, apresentando imagens de Palmas, PR, sede do Campus Palmas do IFPR, seguida por uma breve apresentação de sua história. Quando as atividades eram realizadas nas escolas, após a referida apresentação sobre Palmas, perguntávamos aos/às alunos/as o que poderia simbolizar Xapuri, isto é, o que havia na cidade que os representava: o nome Chico Mendes era constantemente lembrado como símbolo para a luta e resistência ambiental.

A Escola Divina Providência também merece ser visitada. Trata-se de um prédio centenário, construído em estilo europeu e que discretamente lembra as clausuras religiosas. A construção foi impulsionada pela presença das irmãs da Congregação Servas de Maria Reparadora no município, e que em 2020 celebraram 100 anos de missão no Brasil. Com grandes arcos por toda a parte externa, janelas grandes e altas e paredes espessas, a escola abriga uma capela, originária do internato de freiras que existiu ali décadas atrás, o que justifica as características da construção.

A poucos metros, a Igreja de São Sebastião, padroeiro de Xapuri, exhibe um campanário central que guarda seus sinos. Criada em 1910 recebeu, poucos anos mais tarde, a imagem do santo, vinda da Itália. Realizada anualmente nos meses de janeiro, a festa do padroeiro reúne milhares de pessoas. Tendo como uma das suas principais características a procissão, a festa de cunho religioso e cultural é realizada há mais de cem anos. A devoção a São Sebastião, de acordo com os moradores, é anterior à Revolução Acreana. Por meio de orações e pequenas procissões, a população, sabedora da guerra que poderia despontar a qualquer momento, pedia e aguardava a proteção do santo.

Imagem 3 – Igreja de São Sebastião



Fonte: Acervo do Núcleo Extensionista Rondon IFPR (2020).

De lá, é possível caminhar até a casa onde viveu Chico Mendes que, embora à época, fechada à visitação, pode ser contemplada a partir da rua. Trata-se de uma casa de madeira em “duas águas”, pintada em verde e rosa, com duas janelas na fachada e banheiro de alvenaria localizado na parte posterior do quintal, delimitado por uma cerca de madeira. A cobertura é de telha cerâmica, e sua arquitetura é similar às demais construções de madeira localizadas no seu entorno. Simples e discreta, passaria despercebida não fosse a placa com os dizeres “Casa de Chico Mendes”. Não muito longe da casa está o túmulo do líder seringueiro. Em que pese o cemitério ter muros e grades, o túmulo os margeia, e exatamente nesse ponto não há muro ou grade, o que faz com que se projete sobre o passeio público. A lápide não traz a data da sua morte, ocorrida em 1988, e exibe, em letras brancas, a mensagem de que *Chico Mendes vive!*

Imagem 4 – Casa de Chico Mendes



Fonte: Acervo do Núcleo Extensionista Rondon IFPR (2020).

Na sede da Cooperativa Central de Comercialização Extrativista do Acre (CooperAcre), é possível adquirir castanhas, polpa de frutas, óleos e artesanatos produzidos no município e na região. A cooperativa surgiu da congregação das demais cooperativas do estado do Acre para facilitar a comercialização da produção das famílias extrativistas, e é a maior beneficiadora de castanhas do país, além de trabalhar com a borracha, importante produto extrativo da região. Por meio da CooperAcre, a Casa do Extrativista, localizada a poucos metros, também é símbolo e resultado da luta dos seringueiros por melhores condições de vida dos povos da floresta.

A história do extrativismo no Acre se confunde com a história de Xapuri, pois foi aí que ela teve início, por meio da luta dos seringueiros encaminhada por Chico Mendes e outros líderes ambientais. Também ligada à CooperAcre, a Usina de Beneficiamento de Castanha, localizada na zona industrial de Xapuri, reúne e processa a produção de castanhas da região juntamente à unidade de processamento em Rio Branco.

A história de Xapuri e a luta em defesa da floresta também podem ser apreciadas na Pousada dos Xapurys, construção charmosa e acolhedora que apresenta uma área externa com cobertura de palha trançada e muita memória percebida através do seu proprietário e das paredes, mesas, utensílios e decoração. Os recortes de jornais e revistas, os bilhetes e as cartas emolduradas mantêm viva a história da cidade e a atuação política e social dos seringueiros que escolheram viver na natureza e retirar de lá o seu sustento. A pousada pode ser confundida com um museu, tamanha é a variedade de peças históricas, muito bem expostas e cuidadas.

Algumas ruas abaixo, margeando o rio Acre, a Casa Branca abrigava o Museu Histórico da cidade, atualmente localizado em outro espaço. Trata-se de um sobrado de cor branca, com o primeiro piso em alvenaria e o segundo em madeira, com vários janelões e portas harmoniosamente distribuídos nas suas laterais e fachada principal. No imaginário social, foi sede de uma antiga intendência boliviana onde se iniciou a Revolução Acreana. Depois de tomada, era possível ter uma vista privilegiada do rio, por onde poderiam chegar os soldados bolivianos. No local, resiste o primeiro motor gerador de energia elétrica, à base de diesel, que fornecia energia elétrica para a cidade.

Imagem 5 – Casa Branca



Fonte: Acervo do Núcleo Extensionista Rondon IFPR (2020).

A rua em que está localizada a Casa Branca não tem mais saída. O rio fez com que ela desaparecesse, restando outro caminho para se chegar aos bairros localizados na porção posterior da Casa. Num desses primeiros bairros, ainda sem asfalto e ligado ao centro da cidade por uma ponte de madeira, localiza-se uma praça que, de acordo com os moradores mais idosos, foi construída em cima de um antigo cemitério destinado aos soldados bolivianos. A praça não traz qualquer referência a esse evento, que permeia o imaginário social.

Próximo à Casa Branca está a antiga sede da Prefeitura de Xapuri, atualmente Museu Histórico Municipal. O prédio estava fechado para reforma, e só foi possível contemplá-lo do lado externo. Segundo os moradores, o local guarda uma estátua em bronze de Chico Mendes e quadros emoldurados em vidro dispostos nas paredes e que traduzem um pouco da sua trajetória de luta, assim como o histórico de fundação da cidade e da Revolução Acreana. Alguns objetos doados por famílias tradicionais da cidade, como armários em madeira, louças finas em porcelana, espingardas utilizadas pelos soldados brasileiros e bolivianos, fragmentos de balas, antigas máquinas de datilografia, tinteiros, porongas e lapelas de borracha são alguns dos atrativos memoriais que o museu guarda. Trata-se de uma construção em alvenaria de piso único, com linhas racionais e uso de platibanda na fachada, uma espécie de moldura contínua e que esconde o telhado, tornando a construção moderna. Próximo ao prédio, uma praça guarda um pequeno monumento que faz referência à equipe da Universidade de São Paulo, Campus de Ribeirão Preto, que participou do Projeto Rondon, em Xapuri, na década de 1970.

Caminhar pela Rua Seis de Agosto, antiga Rua do Comércio e uma das principais da cidade, é descobrir e interagir com parte da história da localidade. A rua, que margeia o rio Acre, ostentava dinheiro e poder. Os homens mais abastados, com ternos de linho, chapéus panamá e sapatos de couro, e as mulheres com vestidos de seda e pentes com madrepérolas presos ao cabelo, acompanhavam a moda europeia. Símbolos de poder, prestígio e riqueza, os adereços os diferenciavam com relação aos demais extratos da população: a rua era símbolo de poder, de prosperidade e de contraste social. O comércio era diversificado e vendia-se para a zona urbana e para os seringais. Mercadorias estrangeiras e nacionais chegavam e partiam pelo rio graças à riqueza gerada pela borracha, o que fez Xapuri ser conhecida como a Princesinha do Acre.

Não há mais desfiles de homens de ternos bem cortados e de mulheres com sombrinhas francesas, mas os atrativos da antiga Rua do Comércio estão lá. Na arquitetura, a maioria das construções é composta por prédios baixos, geralmente sobrados, alguns deles com platibanda, outros com telhados à vista. As edificações em madeira são bastante comuns, principalmente no “lado de baixo” da rua. Apresentando uma arquitetura mais próxima da nordestina, muitas delas são usadas para o comércio, a exemplo do “forró do Juvenal”, o mais antigo da cidade. Ainda é possível ver a bilheteria com madeiras cruzadas e os bancos nas laterais do salão, em que homens e mulheres se sentavam em lados opostos, flertavam e se encontravam para dançar.

Na porção mediana da rua, localiza-se a Organização em Centros de Atendimento (OCA), uma central de serviço público que abriga cerca de quinze órgãos e 150 serviços como emissão de carteiras de trabalho e de identidade, CPF, certidões de nascimento, casamento e óbito. De acordo com informações do local, gravadas em moldura e apresentadas logo abaixo, a OCA está inserida no antigo prédio da loja de aviamentos A Limitada, fundada em 1929 e

uma das mais importantes casas comerciais de Xapuri (...). As mercadorias que chegavam dos grandes centros comerciais, como Manaus e Belém, eram descarregadas dessa casa de comércio, e distribuídas às sedes dos seringais da região do Alto Acre, que por sua vez as repassavam aos seringueiros em suas locações. Essa importante casa comercial encerrou suas atividades em 1979, marcando, em pelo menos cinco décadas, a história de Xapuri.

O seu interior conserva as escadas de madeira que permitem acesso ao piso superior, onde estão instalados quadros que trazem fotos e histórias do município, como as imagens dos navios e barcos que atracavam nos portos do Rio Acre. Trata-se de um memorial que traz a

cronologia que conta a história de Xapuri desde a Revolução Acreana, passando pela época dos soldados da borracha, em que a colonização da região por latifundiários de outros estados se contrapunha aos seringueiros que já ocupavam as terras. Através do Rio Acre chegavam mercadorias, notícias da Europa, trabalhadores que se dirigiam aos seringais e pessoas consideradas elite. A imponência do prédio, com sua fachada racional, simbolizava a riqueza gerada pela extração da borracha que circulava no estado. Além da Casa A Limitada, as Casas Zaire e Kalume, o Bazar Paraense e O Ponto Chic eram igualmente símbolos da riqueza e do progresso de Xapuri gerados pelo Ciclo da Borracha.

Também é possível observar ao longo da Rua Seis de Agosto, em harmonia com construções tipicamente acreanas, casas suspensas e com telhados relativamente baixos. Entre elas, o remanescente de uma espécie de cortiço que poderia abrigar várias famílias dispostas nos seus cômodos ocupados, outrora, por trabalhadores que vinham de outras regiões do país para se aventurar nos seringais. Um pouco mais à frente, seguindo o contorno da rua, chega-se aos locais de travessia do rio Acre para acesso ao Sibéria, o maior bairro da cidade. São dois pontos de integração: um deles, por meio de pequenas embarcações com capacidade para até dez pessoas, possibilita o trânsito dos pedestres; o outro, por meio das balsas, permite a passagem de pedestres e veículos.

Ao serem reconhecidos e preservados pelos moradores e tornados objetos da educação patrimonial, esses e outros espaços e atrativos históricos, culturais e naturais também podem tornar Xapuri referência no turismo regional, fortalecedor de valores culturais e antropológicos e importante polo gerador de recursos econômicos. Santos e Pereira (2020, p. 114) lembram que há uma valorização cada vez maior do local em contraponto ao global, e que o turismo proporciona uma reestruturação econômica e simbólica do espaço. Segundo os autores, “no turismo, a imaginação coletiva criada, compartilha determinados valores públicos comuns que oferecem melhores oportunidades para o desenvolvimento humano”, os quais se relacionam “à capacidade de gerar alegria, prazer ou bem-estar, decorrentes do encaixe entre necessidades e desejos, a partir de oportunidades abertas por meio dos serviços oferecidos”. Nesse sentido, o turismo estimula transformações econômicas e sociais, como a mobilização para a preservação do patrimônio, gera riquezas, permite visibilidade e explora as potencialidades da região.

Organização social e lutas ambientais

A gastronomia de Xapuri também precisa ser lembrada. No café da manhã, é servida a baixaria: tomate, coentro, cuscuz ou farofa, ovo mexido e carne bovina moída, considerada um dos principais pratos típicos do Acre. Não se sabe muito bem por que recebeu esse nome, mas uma das versões diz que um vaqueiro, nos anos de 1970, chegou num mercado municipal, perguntou o que havia para comer e pediu, então, carne moída, ovo mexido e cuscuz. Terminado de comer, perguntou quanto havia ficado toda aquela “baixaria”: estava batizado o prato típico acreano⁶. Também é possível comer o pato ao tucupi – com jambu, que ocasiona leve dormência nos lábios e na língua – o tacacá, o quibe de arroz e o charuto de repolho; açaí, tucumã, graviola, cajá, cupuaçu e tamarindo são algumas das frutas da região.

Às sextas-feiras, a cidade recebe a Feira dos produtores. Por lá, pode-se encontrar quase tudo: castanha, queijos, rapadura, bolo, requeijão, goma para tapioca, café, mandioca, feijão... Os preços são atrativos e as pessoas chegam bem cedo ao local, ainda de madrugada. O espaço não é muito grande, e alguns produtores apresentam seus produtos no lado externo, como nas calçadas do seu entorno, o que se torna um convite para os passantes.

Além das observações realizadas na zona urbana, foram visitadas duas comunidades rurais da reserva extrativista Chico Mendes, criadas após o assassinato de Chico Mendes, seu idealizador, pelo decreto Presidencial nº 19.144, de 12 de março de 1990, as comunidades Equador e Dois Irmãos. As visitas permitiram compreender as diferenças e as complementaridades entre o meio urbano e o rural e outros elementos pelos quais Xapuri se tornou simbolicamente importante na luta e resistência ambiental e em defesa dos povos da floresta.

As reservas extrativistas foram inspiradas em organizações indígenas, e suas condições de produção lembram as sociedades de afluência percebidas pelo antropólogo Marshall Sahlins (2004), ao menos como observado em uma das comunidades. Os moradores vivem da terra, extraem seus meios de subsistência de maneira harmoniosa com a floresta e têm pouco contato, de um modo geral, com o modelo capitalista de produção. As relações sociais estabelecidas são distintas, seguidas por outras concepções de tempo e de espaço, em que as terras são da união e dispostas em usufruto dos trabalhadores. Produção de gado de corte e leiteiro, plantio de cereais, extração do látex e da castanha e produção de rapadura,

⁶ Optou-se pelo gentílico *acreano*, e não *acriano*, regulamentado pelo Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (2016). De acordo com os moradores, o termo *acreano* é uso e costume consolidado há mais de 100 anos, e integra o patrimônio histórico e cultural do estado do Acre.

açúcar e farinha de mandioca são alguns exemplos da produção que não visa ao mercado, mas à subsistência e às relações sociais entre as mais de 60 famílias da comunidade.

Uma vez por semana os moradores se dirigem à cidade para vender o excedente, que anteriormente é trocado entre eles. Para a efetivação da feira, é realizada uma reunião na associação comunitária, localizada na parte mais central da comunidade, em que são estabelecidos quais produtos cada produtor comercializará, bem como seu preço. Essa é a forma encontrada pelo grupo para evitar a possível concorrência entre eles na comercialização dos produtos.

Durante a visita foi possível acompanhar um dos moradores, o senhor Raimundo, na extração do látex. O tronco da seringueira é riscado do modo tradicional, e um pequeno recipiente é adaptado a ele para armazenar o resíduo. A cada dois ou três dias o material é coletado e novos riscos são realizados. O Ciclo da Borracha representou um dos maiores períodos de riqueza para o país, e ver o emprego de uma técnica nativa indígena para a retirada da seiva da seringueira é uma forma de compreender o processo de trabalho tradicional dos povos da floresta.

Uma das possibilidades de comercialização da borracha extraída é sua venda direta para a fábrica Natex, a única no mundo que produz preservativo masculino a partir do látex natural da seringueira. Nessa forma de comercialização, o látex não precisa ser processado, e é vendido da forma como é retirado da árvore – *in natura*. Outro ponto importante em relação aos seringais é o incremento das formas de produção com o uso dos sistemas agroflorestais. A preservação ambiental é aliada à produção através da introdução de espécies, como as frutíferas, em meio a plantas de importância florestal, com destaque para a seringueira e a castanheira. Dentre as frutíferas, vale ressaltar o cupuaçu e o abacaxi, que iniciam a produção em um sistema agroflorestal, sendo a primeira a ser cultivada. O café, a exemplo do *conilon*, bastante adaptado à região, também passou a ser recentemente introduzido nos sistemas agroflorestais, seguindo uma tendência existente na Rondônia.

Imagem 6 – Extração do látex de seringueira em reserva extrativista



Fonte: Acervo do Núcleo Extensionista Rondon IFPR (2020).

Para além dos aspectos naturais, históricos, materiais e potencialmente turísticos, os moradores de Xapuri contam suas histórias e as da região. Ouvir, conhecer e sentir os relatos sobre o município, os quais se entrelaçam com a luta e a resistência ambiental, foi um dos pontos importantes das atividades que desenvolvemos durante a Operação, pois tais histórias fazem parte do imaginário social e surgem de maneira espontânea. Durante as atividades realizadas no Sindicato dos Trabalhadores e das Trabalhadoras de Xapuri, foi possível ouvir relatos de pessoas que atuaram juntamente a Chico Mendes, como Júlio Barbosa, prefeito de Xapuri por dois mandatos, e Leide Aquino, à época secretária de Florestas e Agricultura do município.

Já por ocasião da visita à OCA, conhecemos Sabá Marinho, companheiro de Chico Mendes na luta pela preservação dos modos de vida dos povos da floresta e participante ativo da instalação de escolas nos seringais por meio do Projeto Seringueiro. O projeto é baseado na perspectiva da Educação Popular, em Paulo Freire e na Teologia da Libertação, por meio de propostas metodológicas e pedagógicas específicas para os povos das florestas, que levava educação e noções de cooperativismo e de legislação aos seringueiros (SOUZA, 2011). A fala de Sabá Marinho também remetia aos embates, disputas por terras entre os seringueiros e os fazendeiros e os movimentos dos primeiros para impedir a exploração destrutiva das florestas. Bira Vasconcelos, prefeito à época, Sebastião Aquino, Neguinho Maia, Francisco Assis, presidente do Sindicato, Raimundo Pereira, João Mendes, Juvenal e tantos outros também nos possibilitaram conhecer as histórias de Xapuri.

O município tem espaços, construções e paisagens que podem, num primeiro momento, passar despercebidas, e devido à sua importância histórica merece receber projetos na área da preservação patrimonial e do turismo. Durante nosso *flanar* realizamos, de maneira improvisada, uma trilha histórico-cultural. Mais do que histórico-cultural, ela foi interativa, pois os moradores foram nossos interlocutores e nos apresentaram aspectos da cidade. As trilhas podem abordar temas geográficos, históricos, sociais, ambientais, políticos e arquitetônicos, entre outros, e Xapuri contempla todos eles. Os públicos podem ser variados: visitantes, turistas, alunos da educação básica, crianças, trabalhadores, donas de casa, idosos e comunidade em geral, e podem suscitar outros olhares com relação à cidade. A proposta é identificar os espaços direta ou indiretamente ligados aos aspectos simbólicos das comunidades, e a atividade de trilha pode ser uma ferramenta efetiva para se iniciar os processos de educação patrimonial e para fomentar o setor de turismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As trilhas são importantes no contexto de valorização do patrimônio histórico e cultural das cidades. Os pontos observados – e tantos outros que não pudemos acessar ou descobrir, mas que se articulam à história e à paisagem de Xapuri – podem ser catalogados e dispostos em roteiros de visitação por meio de folders ou de outros recursos tecnológicos, como o emprego de Tecnologias da Comunicação e Informação (TIC). O uso do *QR Code* pode ser interessante para a proposta de trilhas, pois tem comportado experiências bem sucedidas em várias partes do país. Os *QR Codes* armazenam e difundem informações a partir do escaneamento realizado por meio de dispositivos móveis, como smartphones, celulares e tablets (SANTOS *et al.*, 2018). Dispostos nos pontos de parada da trilha, os visitantes podem acessar e interpretar as informações durante ou após a visitação. A depender do número de pontos, pode-se ter uma metodologia para definição de indicadores de atratividade ou mesmo a criação de várias trilhas para compor um grande roteiro (MAGRO; FREIXÊDAS, 1998).

Segundo técnicos do Instituto do Patrimônio Artístico Nacional (IPHAN, 2014), uma série de ações voltadas à educação e ao patrimônio histórico e cultural vem sendo desenvolvida nos municípios brasileiros, sejam eles centenários ou não. O intuito de tais ações é a salvaguarda do patrimônio material e o desenvolvimento de sentimentos de identidade e de pertença entre a comunidade. É sabido que o patrimônio se perde se não houver ações que visem a sua manutenção, e ações voltadas à educação patrimonial podem ser uma importante forma de sensibilizar o poder público e a comunidade com relação ao

acervo artístico, patrimonial e cultural de uma cidade. De acordo com Medeiros e Surya (2009), a educação patrimonial permite a valorização do espaço e da história, a compreensão crítica do patrimônio e o desenvolvimento dos sentimentos de identidade, cidadania, pertencimento e reconhecimento, bem como o resgate da relação que a comunidade possui com a história e com as memórias sociais. É nesse sentido que a realização da atividade de uma trilha guiada pode ser uma primeira estratégia para a educação patrimonial em Xapuri.

Com relação ao turismo, o município apresenta atrativos e potencialidades que podem ser mais bem aproveitados por meio de roteiros turísticos individuais, aqueles construídos pelo próprio turista a partir de informações disponibilizadas em guias turísticos, sites e revistas especializadas; comerciais, organizados por agências de turismo; e institucionais, elaborados por órgãos públicos locais, como as secretarias municipais. Garcia (2007), ao contextualizar a importância do turismo para o desenvolvimento regional, geração de oportunidades de negócios, rendas e postos de trabalho, indica a importância da consolidação de roteiros turísticos ordenados aos arranjos produtivos locais e regionais, cujos atrativos devem ter sentidos históricos, naturais e culturais a partir das suas especificidades. Tais roteiros podem confluir no propósito de tornar Xapuri referência no setor.

Além de contribuir para a manutenção do patrimônio histórico e cultural da cidade, e ser ferramenta para o setor turístico, uma proposta de trilha histórico-cultural pode fortalecer os sentimentos de identidade e de pertencimento, pois, em que pesem as histórias de Xapuri terem sido contadas a nós pelos moradores nos diversos momentos em que desenvolvíamos as atividades propostas no Plano de Trabalho enviado ao MD, o que demonstra a possibilidade de continuidade do saber local, tais histórias e sentimentos identitários e de pertencimento podem se perder caso não haja mecanismos que garantam sua reprodução. Nesse sentido, as trilhas histórico-culturais, por meio de trajetos urbanos e rurais, podem ser um importante instrumento criado e mantido pela prefeitura de Xapuri, por meio das suas secretarias de Educação e Cultura, para a conservação do seu patrimônio e como atrativo turístico.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto nº 99.144, de 12 de março de 1990. Dispõe sobre a criação, nos Municípios de Xapuri, Rio Branco, Brasiléia e Assis Brasil, no Estado do Acre, da Reserva Extrativista Chico Mendes. **Diário Oficial da União**, Seção 1, de 13 de março de 1990. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1990/decreto-99144-12-marco-1990-331088-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 18 nov. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA- IBGE. **Censo Demográfico**. 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 20 out. 2020.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Projeto Rondon**. Disponível em: <http://www.defesa.gov.br/programas-sociais/projeto-rondon>. Acesso em: 14 out. 2020.

GARCIA, R. K. de O. Roteiros turísticos: um instrumento para o fortalecimento do turismo regional. **Gestão e Desenvolvimento**, Novo Hamburgo, v. 4, n. 1, p. 119-126, 2007. Doi: 10.25112/rgd.v4i1.868. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistagestaoedesenvolvimento/article/view/868>. Acesso em: 14 out. 2020.

HORTA, M. L. P.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A. (org.). **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: IPHAN, 1999. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/temp/guia_educacao_patrimonial.pdf.pdf. Acesso em: 12 nov. 2020.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - IPHAN. **Educação patrimonial: histórico, conceitos e processos**. Brasília: IPHAN, 2014. Disponível em: iphan.gov.br. Acesso em: 8 ago. 2020.

MAGRO, T. C.; FREIXÊDAS, V. M. Trilhas: como facilitar a seleção de pontos interpretativos. **Circular Técnica IPEF**, Piracicaba, n. 186, p. 4-10, set. 1998. Disponível em: <https://www.ipef.br/publicacoes/ctecnica/nr186.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2020.

MEDEIROS, M. C.; SURYA, L. A importância da educação patrimonial para a preservação do patrimônio. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25., Fortaleza, 2009. **Anais [...]**. Fortaleza: ANPUH, 2009. CD-ROM.

ORTIZ, R. Walter Benjamin e Paris: individualidade e trabalho intelectual. **Tempo Social**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 11-28, 2000. Doi: 10.1590/S0103-20702000000100002. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12317>. Acesso em: 14 ago. 2020.

SAHLINS, M. A sociedade afluyente original. In: SAHLINS, M. **Cultura na prática**. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2004.

SANDRE, A. A.; MADUREIRA, F. M. S.; KUSSUNOKI, M. Trilha urbana, mobilidade e integração social: um estudo aplicado à avenida Sumaré em São Paulo. **Labverde**, São Paulo, v. 1, n. 10, p. 62-82, ago. 2015. Doi: 10.11606/issn.2179-2275.v1i10p62-82. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistalabverde/article/view/98438>. Acesso em: 20 ago. 2020.

SANTOS, D. S. *et al.* A memória conectada: o uso do QR Code como recurso educativo e dinamizador dos lugares de memória em São Luís do Maranhão. **Tecnologias na Educação**, São Luís, v. 27, ano 10, nov. 2018. Disponível em: <https://tecedu.pro.br/wp-content/uploads/2018/11/Art20.Vol27-Ed.Tem%C3%A1ticaIX-Nov-2018.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2020.

SANTOS, T. S.; PEREIRA, R. S. O turismo como impulsionador do desenvolvimento regional: análise no Campo das Vertentes (MG), Brasil. **Revista Latinoamericana de**

Estudios Urbano Regionales, Santiago do Chile, v. 46, n. 137, p. 113-133, 2020. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7185645>. Acesso em: 20 ago. 2020.

SOUZA, J. D. **Entre lutas, porongas e letras: a escola vai ao seringal: (re)colocações do Projeto Seringueiro (Xapuri/Acre - 1981/1990)**. 2011. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/FAEC-8M7MST>. Acesso em: 14 ago. 2020.

TUAN, Y. **Topofilia: um estudo de percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.

ZANON, E. R.; BRANCO, P. M. C.; MAGALHÃES, L. H. **Educação patrimonial: da teoria à prática**. Londrina: Unifil, 2009.

Submetido em 22 de agosto de 2021.

Aprovado em 14 de outubro de 2021.